

O TRILHAR DO ANJO NAS SENDAS DO ABISMO

José Fares

Professora de Literatura Portuguesa e
Literatura Brasileira na UNAMA.
Co-autora de livros didáticos.

*"Assentaste a terra sobre suas bases,
inabalável para sempre e eternamente;
cobriste-a com o abismo, como um manto,
e as águas se postaram por cima das montanhas."
(Salmos)*

A atitude antropofágica de "devoração" assumida pela primeira geração modernista havia passado. A poeira sentou. Abrem-se variados caminhos por onde percorrem a poesia e a prosa. Dentre essas veredas, o neo-simbolismo. Nele, trilha a concepção estética de Anjo dos Abismos, livro de estreia de Ruy Barata, que contém 24 poemas, publicados em 1943 pela José Olympio Editora.

Nesta obra, o nativo de câncer dá realce a um dos temas mais universais da literatura: a morte. Esta que vem, por vezes, metaforizada no mar, na grande viagem, na noite, nos sinos, nas trombetas aladas.

Segundo Jean Chevalier e Alain Geerbrant no Dicionário de Símbolos, o mar representa a dinâmica da vida: é ao mesmo tempo imagem do viver e do morrer. Tudo vem do mar e tudo retorna a ele. Essa abordagem dual referenda a idéia de transição da vida para morte: "*O mar, mar chamando meus passos para/ os caminhos distantes.*" (Ode ao Mar, pág. 37) "*...é chegado o momento/ em que velejarão os sete mares.*" (O Canto dos Sepulcros, pág. 207).

Ao associar o mar ao número sete, o poeta reforça o tema proposto na obra. Vejamos: a semana tem sete dias e, justamente o sétimo, é o do descanso, atitude que pode ser comparada à morte, se a encaramos como uma trégua às atribulações experimentadas nessa caminhada que é o existir. É como a existência - para os existencialistas - precede a essência, o desvinculamento da vida material pode ser encarado como a chegada à "*pátria das essências*": "*... e adivinharás que atravessei/ os limites do eterno*". (Anjo dos Abismos, pág. 186).

É o mar que propicia a grande viagem para o "paraíso dos símbolos", onde se excetuam as agonias do existir. O percurso dessa longa viagem

é ladeado pelos ciprestes - árvores que emolduraram a morte de Lindóia, heroína da epopéia de Basílio da Gama - que dão um tom enlutado à caminhada: "*deixa-me beijar o tronco dos ciprestes/ deixar-me escutar o canto dos sepulcros/ onde param todas as idades e cessam as angústias.*" (O Canto dos Sepulcros, p. 207).

É impossível olvidar a produção de Paulo Plínio Abreu quando volvemos o olhar para a grande viagem - leitmotiv do Anjo dos Abismos. O poeta d' O Barco e o Mito, contemporâneo de Ruy Barata, cedo alçou vôo pelos caminhos que marcam o retorno às origens: "*Lavaremos no fim da viagem o rosto e olharemos a lua/ e de repente sentiremos nascer em nós a estranha terra que sonhamos.*" (Paulo Plínio Breve Elegia, Poesia, p. 38).

O tom elegiaco que perpassa a obra é acentuada pelo planger dos sinos que, dolentes, anunciam o retorno à eternidade: "*Pareceu-me escutar a voz dos sinos, (...) e a sua voz era a voz das viagens./ voz das almas que aprestam/ para o encontro com a eternidade(...)/ onde pressinto o olhar parado de um desconhecido/ que também como eu se transfigurou/ com a mensagem fatal dos velhos sinos.*" (Poema Schmidtiano, p. 205).

Nem sempre o tema do Anjo dos Abismos apresenta o neblinamento das metáforas, às vezes, o poeta, como se tivesse às mãos um spot-light, persegue as cenas, incide sobre elas a iluminação, deixa exposta a fratura, a separação do imaterial e imorredouro do arcabouço finito e perecível. Entretanto, por vezes, as luzes se apagam, e então o penumbrismo simbolista se faz sentir através de imagens recorrentes, ou mesmo obsedantes, que conduzem ao mesmo ponto, o da partida. Além do mar, da viagem, dos sinos, também a noite anuncia a travessia dos eleitos para os limites do eterno. Aqui, a imagem da noite assume um

aspecto dual: é o tempo das germinações onde, em meio às trevas é tecido o vir-a-ser. O esgarçamento da treva filtra as luzes do novo tempo, o da vida. Novamente, o poeta reforça a idéia de morte atrelada à vida, agora despida das dores, dos percalços, dos dilaceramentos próprios do viver corpóreo: *"Esta noite, como ficar prisioneiro dos teus braços/ ó aparecida amada do principio da vida?"* (Lá fora está o mar que nos espera, p. 138). *"Quero enfim, repousar, quero enfim adormecer sobre a grande noite que espera as visões da grande madrugada."* (Poema da Amada Escurecida, p. 199).

No poema intitulado *O que vai subir aos brandos céus iluminados*, a presença do noturno assume um matiz de eroticidade, o que vem confirmar a ambiguidade entre a dor e o prazer sugeridos pelo tema: *"A inocência eu perdi nas florestas escuras."* Note-se aqui, a simbologia genital atribuída às florestas escuras.

Ao concluir sua obra de estreia, Ruy Barata como que nos dá uma visão apoteótica dessa transição para o infinito. O som das trombetas aladas fere nossos sentidos e nos conduz à imagem apocalíptica da volta. As portas se abrem e as *"vozes noturnas que vinham dos sepulcros"*, finalmente encontram a *"pátria comum das trombetas aladas."*

Certamente o poeta, nascido a 25 de junho, no apagar das fogueiras juninas, quando as cinzas guardavam a quentura que aqueceu seu berço, voou para a pátria das essências, acompanhado pelo som dos atabaques de Ogum que irrompiam no dia 23 de abril, anunciando a chegada desse filho pródigo ao Reino do Sem-Fim.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Paulo Plínio. *Poesia*. Belém: UFPA, 1978.
CHEVALIER, Jean e GEERBRAN. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.
OLIVEIRA, Alfredo. *Paranatinga*. Belém: Falângola Editora, 1ª Ed., 1984.
A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edições Paulinas, 2ª Edição, 1992.

ANJO DOS ABISMOS

Ao Cléo, meu amigo

Quero chegar diante de ti
não como o vulto familiar que doura o teu
sossego,
não como a imagem do sonho
que se perde na bruma,
mas como o fantasma de dentro de ti mesmo.
Quero chegar diante de ti,
e olharás minha longa cabeleira,
minhas faces esvoaçantes,
meus olhos incolores
e adivinharás que atravessei
os limites do eterno.
Ó esta noite todas as luzes estarão veladas pelo
sono,
todos os silêncios serão devorados
pela eternidade,
todas as chagas ressurgirão das dores,
todos os olhos estarão desmesuradamente abertos
mas não poderemos sentir
a Sua presença
porque então passamos à pátria das essências.
Esta noite chegarei diante de ti,
nossas almas se confundirão na grande viagem,
nossos olhos se alongarão ao paraíso do símbolos
onde nasce o grande mar das almas moribundas.
Chegarei sobre a tranqüilidade dos teus cânticos
e te assombrarás com este vulto notívago de
morto
que se suspende milagrosamente além dos tempos
e que conduz as asas multicores
no derradeiro vôo das espécies.
Ó sim sou eu por sobre as nebulosas,
fantasma que povoa quatro mundos,
imagem perdida e mais tarde encontrada
no limitado céu da poesia.